



XIV JORNADA CIENTÍFICA DOS CAMPOS GERAIS PESQUISA E DIREITOS HUMANOS

Ponta Grossa, 25 a 27 de outubro de 2017

REFLEXÕES ACERCA DA MORTE, LUTO E VIDA

Leandra Menezes Kowal¹
Sara Scheidt Soriano²

Resumo: *Este trabalho visa trazer um panorama geral sobre o último ato da vida: a morte. Como tal, ela não age sozinha, abre feridas, marca os que ficam, transforma vidas e deixa seu principal herdeiro – o luto. E depois do dano causado, cabe aos familiares e a todos aqueles, que se de alguma forma sentiram-se abalados, aprender a difícil tarefa de retomar a vida e seguir em frente. Como elaborar a perda e resignificar a vida na sociedade contemporânea? Quais os recursos disponíveis às pessoas que passam por essa experiência? São essas e outras questões que pretendemos elucidar.*

Palavras-chave: Morte. Luto. Vida. Grupos de apoio.

Introdução

O assunto da morte não costuma ser dos mais atrativos, provavelmente pelo desconforto de enfrentar a própria finitude, tema renegado em um tempo em que a felicidade passou a ser um “requisito” para o convívio social. As pessoas não costumam ser preparadas para esse momento, bem pelo contrário, evitam a todo custo, pois não sabem o que fazer com os sentimentos que surgem como a tristeza, o vazio, o medo e principalmente como é passar pela morte e o que acontece depois. O ritmo da sociedade atual impõe a valorização da vida através da maior longevidade, da felicidade nas redes sociais, de gerações cada vez mais despreparadas para o sofrimento. (FRANCO FILHO, 2009)

Neste trabalho apresentaremos uma breve análise a partir da percepção social sobre a morte, a elaboração do luto e como a sociedade tem se mobilizado com ações em prol das pessoas consternadas, rompendo com o tabu de tratar a morte como algo indizível e intratável.

Objetivo

O objetivo deste trabalho é discorrer sobre o advento do luto ao longo da história e como objetivos específicos, compreender o luto na contemporaneidade e provocar reflexões sobre as questões acerca da morte e do luto, daqueles que nos cercam e algumas ações sociais em prol das pessoas enlutadas.

Metodologia

O presente trabalho configura-se em um estudo qualitativo com caráter interpretativo do conhecimento compreendendo-o como produção, não uma

¹ Cursando 8º período de Bacharelado em Psicologia, Faculdade Sant’ Ana. Bacharelado em Administração (UNIANDRADE) – lea_mk@hotmail.com

² Orientadora, Professora do Curso de Psicologia, Faculdade Sant’ Ana – sarasoriano@ymail.com

aquisição da realidade que nos apresenta. O conhecimento é construído e influenciado pela realidade, pode ser interpretado e legitimado pela singularidade e não pela generalização, pois ele é um diálogo entre o pesquisador e sua pesquisa. Fonseca (2002)

Para tanto, o mesmo fundamenta-se numa análise documental a qual Fonseca (2002) considera as fontes mais diversificadas de análise, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc.

Este trabalho respalda-se também em um estudo bibliográfico, no qual Gil (2002) aponta como "uma pesquisa constituída e construída por material já elaborado, principalmente de livros e Artigos científicos."

Sendo assim, os critérios de análise deste, terão como base artigos científicos e livros. Como material de apoio, as redes sociais e páginas de sites sobre o tema, onde foi possível descobrir a rede de grupos de apoio.

Resultados parciais e discussão

Na Antiguidade a relação entre vida e morte era mais próxima. Na cultura greco-romana, existia o direito de morrer. Era a era pagã. Com o advento do Cristianismo a vida passa a ser o centro, a morte dá lugar à ressurreição. Na Modernidade, um dos dualismos é o privilegio da vida em detrimento da morte. Descartes e Bacon, a partir do século XVII, referem-se ao homem como o senhor que domina, o detentor do saber. Vida e morte estão separadas, não se pode enfrentar a morte e se deve privilegiar a vida. (CAPUTO, 2008)

Antigamente, a morte ocorria no seio familiar. Na contemporaneidade, foi encarcerada nos hospitais. A enfermidade leva o homem a pensar sobre a vida, pois com a iminência da morte, permite-se refletir o significado da sua existência.

Depois da despedida, resta, para aqueles que ficaram, seguir em frente, continuar suas vidas, mas, há um detalhe. Nada será como antes! De agora em diante não será mais possível conversar, abraçar, tocar aquele que se foi. Como todo rito, o luto reivindica seu espaço e uma adaptação as circunstâncias que se impõe.

Para psicanálise, o processo do luto demanda uma reorganização psíquica, na qual é imperiosa a necessidade de uma redistribuição da libido investida anteriormente no objeto de amor perdido. Assim, é preciso dar significado e processar a perda, buscando outros caminhos para o desejo, o que demanda tempo e algum sofrimento. (CAMPOS, 2013)

Do ponto de vista psicanalítico, o que pode diferenciar no modo como as pessoas irão vivenciar os sofrimentos ao longo da vida como o luto, é o reflexo da estruturação mais básica da personalidade, construído no decorrer da infância nas identificações narcísicas e edípicas. Os eventos traumáticos durante a vida serão ressignificados de acordo com a história de simbolizações de cada sujeito. (CAMPOS, 2013)

A elaboração do luto pode variar conforme alguns fatores como idade do enlutado e do falecido, crenças, religião, condições em que se deu a morte, situação do relacionamento no momento da morte, formação psíquica. As crianças acima dos cinco anos, por exemplo, tendem a se culpar pela morte do(s) genitor(es). Na tentativa de protegê-las, os adultos acabam por afastá-las do cenário, dizendo que

não estão preparadas, as enviam para casa de parentes distantes e dão explicações fictícias sobre o “sumisso” daquele que partiu. (KÜBLER-ROSS, 1998)

Porém, o sofrimento do luto precisa ser vivido por cada um. Tentar ignorar esse acontecimento e forçar uma retomada à vida pode ser extremamente prejudicial. Contudo, deve-se considerar a subjetividade e o tempo próprios de cada indivíduo, razão pela qual o luto pode apresentar múltiplas variações, como mencionam Papalia, Olds e Feldman (2010). Segundo os autores, o luto pode apresentar o padrão normalmente esperado, que vai do sofrimento mais intenso ao mais leve; o luto ausente, onde a pessoa não sente sofrimento intenso tanto no momento presente quanto mais tarde e o luto crônico, sofrimento que acompanha a pessoa enlutada por longo tempo. Pesquisas sobre estágios na elaboração do luto costumam não encontrar consenso no meio científico, talvez pela extrema particularidade de fatores pessoais e culturais que envolvem essa experiência.

Em meio a tantas peculiaridades que envolvem a morte, é importante que o enlutado possa contar com uma rede de apoio com pessoas dispostas a ouvi-lo, a acolher sua dor, sua queixa, seu choro. Poder contar com pessoas que conviveram com o falecido e que possam partilhar algum fato engraçado ou peculiar pode trazer algum conforto.

Atualmente, existem grupos de apoio formados por instituições e pela própria comunidade voltados para pessoas que perderam um ente querido. A Universidade Federal do Paraná conta com o grupo de extensão “Amigos Solidários na Dor do Luto” do curso de Psicologia. O trabalho compreende grupo de estudos e eventos, além de atendimentos por acadêmicos do quarto e quinto ano do curso de Psicologia, com a supervisão de professores. O grupo se reúne todas as segundas-feiras e recebe pessoas que tenham passado pela experiência do luto.

Escrever também pode trazer alívio. Foi assim que surgiu o projeto “Vamos falar sobre o luto?” Um grupo de sete amigas que passaram por experiências de luto, resolveu incentivar outras pessoas a postarem em suas redes sociais seus relatos. Para surpresa de todas, receberam mais de cento e setenta histórias de pessoas que aderiram à ideia e sentiram-se satisfeitas por encontrar um espaço onde pudessem desabafar sua dor. Deu tão certo que elas resolveram criar o site que hoje têm um acervo com centenas de casos, onde neles as pessoas relatam a morte, como foi lidar com isso, o aprendizado da experiência, além de indicação de locais de grupos de apoio espalhados pelo país.

Outra possibilidade de apoio é o Trilhar Instituto de Psicologia, em Curitiba, que tem como especialidade o atendimento de pessoas em situação de luto, além de preparar estudantes e profissionais da área com a oferta de cursos voltados para o processo do luto.

Considerações finais

Percebe-se ao longo da história que o homem compreendia a morte como evento natural da condição humana, o que talvez lhe permitisse melhor preparação para a experiência do luto. Entretanto, tal aceitação foi se perdendo e coube a morte e ao luto o destino de tabus sociais.

Atualmente, é comum encontrar nas manchetes de jornais a morte tratada como fato extraordinário, inflado com doses de sensacionalismo. Contudo, quando ela ocorre nos círculos de amizade e no contexto familiar parece haver uma dificuldade, senão certo incomodo diante de situações de morte e pesar. O que dizer? O que não dizer? Falar sobre a morte é como ir à contramão de uma

imortalidade utópica, parceira da ditadura da felicidade imposta nos últimos tempos, e que pode transformar a vida de pessoas enlutadas em um drama difícil de suportar.

Os grupos e projetos de apoio não têm surgido em vão. São frutos de uma sociedade que necessita urgentemente repensar seus valores. É preciso refletir sobre a efemeridade da vida, as relações estabelecidas, compreender o sofrimento como intrínseco a realidade e que é possível encontrar meios de passar por ele a partir da resignificação das experiências dolorosas em aprendizado, revisando o que é realmente prioridade no tempo limitado que temos para viver.

Referências

CAMPOS, Érico Bruno Viana. **Considerações sobre a morte e o luto na psicanálise**. Rev. Psicol. UNESP vol.12 no.1 Assis jun. 2013. versão Online ISSN 1984-9044. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-90442013000100003&lng=pt&nrm=iso Acesso 02/09/2017

CAPUTO, Rodrigo Feliciano. **O homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico**. REVISTA MULTIDISCIPLINAR DA UNIESP. SABER ACADÊMICO - n.º 06 - Dez. 2008/ ISSN 1980-5950 Disponível em:
<http://www.uniesp.provisorio.ws/revista/revista6/pdf/8.pdf>

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FRANCO FILHO, O. de M. **A civilização do mal-estar pela não-felicidade**. Revista Brasileira de Psicanálise. Rev. bras. psicanálise v.43 n.2 São Paulo jun. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2009000200016

GIL, A. C. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 4º ed. São Paulo: Atlas, 2002.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **DESENVOLVIMENTO HUMANO**. Tradução de Carla Filomena Marques Pinto Vercesi...[et al]. 10ª ed. Porto Alegre: AMGH, 2010

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. **Sobre a morte e o morrer**. 8ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TRILHAR INSTITUTO DE PSICOLOGIA. Disponível em:
<http://institutotrilhar.com.br/web/>

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Superintendência de Comunicação Social da UFPR. Extensão e Cultura. **Grupo de apoio de Psicologia ajuda pessoas que perderam entes queridos a superar a dor do luto**. Disponível em:
<http://www.ufpr.br/porta.ufpr/blog/noticias/grupo-de-apoio-de-psicologia-ajuda-pessoas-que-perderam-entes-queridos-a-a-superar-a-dor-do-luto/>